

# **DA NORMALIDADE COTIDIANA AO OLHAR INVESTIGATIVO E REVELADOR: uma metodologia de trabalho.**

**Sandra Mendonça**  
**CA/UFSC e PPGGeo/UFSC**

## **1. Introdução**

Alguns conceitos têm sido utilizados entre os professores de geografia, buscando formas de fazer avançar a prática pedagógica de um discurso teórico, ligado a geografia crítica. Autonomia e construção do conhecimento refletem parte destas preocupações. Discutir conteúdos críticos que atinjam objetivos de formação de cidadãos conscientes, capazes de compreender e participar ativamente do processo político-social, aliando a esta preocupação a busca de métodos de trabalho que almejem atingir estes objetivos tem sido (senão a prática) a discussão, de um número cada vez maior de professores.

Estimular autonomia e construção do conhecimento implica em uma postura de transformação do professor em um estudioso, pesquisador, atividade inerente a profissão. Desta forma estimular o mesmo comportamento por onde passar, envolvendo os estudantes no mesmo interesse pelo / do conhecimento.

O exemplo de atividade para reflexão neste trabalho é uma atividade desenvolvida na cidade de Florianópolis, com estudantes do ensino médio, e temas que envolvem problemáticas locais mas que certamente refletem temas globais: infra-estrutura urbana, desigualdades sociais, organização da cidade, transporte, tendências urbanas, modelo de desenvolvimento, espaços públicos, lazer, juventude e a cidade, entre outros.. Durante o ano os estudantes estudam seu tema, apresentam gradativamente seu desenvolvimento, preparam-se para ir às ruas para observar e preparar sua aproximação com a área a ser estudada. O trabalho envolve pesquisa, entrevistas, contato com órgãos públicos, moradores, transeuntes, levantamento fotográfico e análise da área escolhida. Percebem que o lugar reflete questões da realidade mais ampla da sociedade.

A atividade é desafiadora e estimulante e cria situações inesperadas, porque indeterminadas, promovendo a discussão, motivando os alunos a se envolverem na temática proposta e a assumirem posições, tomando decisões, sustentadas nos dados e nos fatos observados e analisados.

Esta metodologia tem possibilitado aos estudantes relacionarem as discussões teóricas com a realidade sócio-econômica e espacial, a partir das transformações de sua cidade. Aprendem que o espaço é construído e sua história é o registro das ações humanas (FES)<sup>1</sup>. Desperta a sensibilidade, trabalha os conceitos, exercita o olhar crítico e fundamentalmente a responsabilidade social sobre o espaço público e o planejamento. Somente pelo mundo é que podemos pensar o mundo e trazer a rua para a sala de aula, é uma das possibilidades de tornar o espaço escolar comprometido com este objetivo.

Para desenvolver este trabalho bem como outras orientações metodológicas que orientam a prática pedagógica, farei algumas reflexões que permeiam estas atividades.

## **2. Escola: representação de poder e prática de antipoder.**

---

<sup>1</sup> FES – Formação Econômica e Social – conceito utilizado por Marx e na geografia aprofundado para a formulação do método de análise difundido por Milton Santos, acrescentando à FES a categoria espacial.

A escola tem sido um espaço de muita reflexão e contradição, principalmente nas últimas décadas. Vlach lembra que

*“uma certa concepção de mundo, predominante há cerca de um século, privilegiou, seguramente, a educação, no sentido de que a modernidade da formação social capitalista não pode prescindir do esforço de propiciar aos “herdeiros” da burguesia (em especial) os instrumentos indispensáveis à reprodução daquela; o que tornou, todavia, necessário estender a educação a todos os seus membros, de sorte que redes de escolas públicas começaram a disseminar-se nos territórios de cada Estado-nação, notadamente na Europa e, a partir dela, por todo o espaço geográfico envolvido e dominado pela teia do capital” (1988, p. 1).*

A instituição escolar, na sua origem, buscou atender ao ideal burguês que pretendia, através deste instrumento, buscar efetivar a sua hegemonia. Mesmo construída e pensada como reprodutora de poder, a escola, por não estar isolada do contexto social, desenvolveu em seu interior, lutas e contradições, conjugando o exercício de reprodução de saber e de poder, bem como o exercício de antipoder. Isto tem sentido de movimento e ruptura histórica, considerando que sua função de reprodutora da ideologia dominante foi se diversificando historicamente, em decorrência dos movimentos sociais (Silva, 1988, p.21). A medida em que vão se instalando, as instituições vão se defrontando com fendas provocadas pelas práticas de resistências sociais.

É esta prática de antipoder que tem permitido, e estimulado, um movimento permanente de repensar e reconstruir as possibilidades de avançar, tanto na teoria quanto na metodologia de trabalho, no sentido de se desenvolver as potencialidades dos educandos e dos educadores em seu contínuo processo de formação. Este processo permanente do se fazer traz consigo a idéia de buscar uma autonomia, construída muito mais pela responsabilidade individual do cidadão-educador, do que por estímulo institucional. Segundo Castoriadis,

*“a autonomia não é a clausura, mas a abertura: abertura ontológica, possibilidade de ultrapassar o enclausuramento informacional, cognitivo e organizacional que caracteriza os seres autoconstituente, porém heterônomos” (1987, p.420).*

Só se pode estimular a autonomia quando se tem este valor e este sentimento para si mesmo. Autonomia não é o abandono das responsabilidades. Um educador é um orientador e não um condutor, um aprendiz. É um provocador de estímulos, no sentido de desencadear um processo de descobertas e, portanto, de construção. Esta prática reflexiva faz surgir um fato *“novo na história do ser, que se dá a si mesmo, suas leis de ser”* (Castoriadis, 1992a, p. 140). Esta autonomia tem um significado de questionamento das regras e dos seus fundamentos. *“A autonomia é o agir reflexivo de uma razão, que se cria num movimento sem fim, como ao mesmo tempo individual e social”* .

É este ato reflexivo que pode colocar questões que não deixam as instituições sociais se configurarem como estruturas fixas e acabadas. Esta é uma forma de exercer uma prática de fazer e instituir, permanentemente; de colocar o poder em questão.

Mas o que é praticar o poder e o antipoder? Esta idéia me foi estimulada, também, por Foucault, quando diz que o exercício do poder se dá tanto por uma estrutura arquitetônica

quanto por mecanismos de controle subjetivos. Mas o poder não é unilateral. Esta reflexão, somada a idéia de que a instituição é, no seu dia a dia, um processo permanentemente instituinte, reforça o desejo de se continuar buscando um trabalho comprometido com a idéia de estimular a construção do conhecimento e da cidadania. Isto pode possibilitar a crença de que o espaço Escola pode nos permitir ir além. A valorização do cotidiano da sala de aula, a contemplação dos imprevistos e do indeterminado, enriquece as reflexões conceituais e as aproxima das questões problematizadas no instante da discussão. Essas são “rupturas” que devem ser consideradas e valorizadas para que haja engajamento e interesse dos educandos em verem sua vida presente nas discussões trazidas à sala de aula: não mais uma abstração, um faz de conta, a diminuição da distância entre o que se analisa e o que estes educandos vivem, percebem, acompanham e valorizam.

As instituições representam a forma como a sociedade se organiza, sua cultura, sua relação social, sua prática de poder. Elas dominam os indivíduos porque os produzem e os formam. Mas, uma vez estabelecida, sua finalidade não necessariamente consegue ser cumprida, com a eficiência inicialmente pensada. Ao se instalar vai perdendo o controle sobre o instituído, entrando em processo de autonomia, passando a funcionar num movimento permanente, envolvendo pessoas com propostas diferentes daquelas que geraram a instituição. Portanto, mesmo um espaço permanentemente instituinte, acaba “*ultrapassando sua razão de ser*” (Castoriadis, 1981, p.133). Partindo desta reflexão pode-se ver presente no dia a dia da escola, um movimento contínuo se estabelecendo, um permanente confronto de idéias e de objetivos a serem alcançados com o trabalho nela realizado.

Castoriadis, refletindo sobre o caráter da instituição, considera o social instituído como o social instituinte. Desta forma, a instituição não é meramente um objeto acabado, mas ao se estabelecer torna-se viva e contraditória, compondo forças de resistência e criatividade. De acordo com este autor

*“haverá sempre uma distância entre a sociedade instituinte e o que é a cada instante instituído e isto é a expressão da criatividade da história, o que a impede de condensar-se para sempre na ‘forma por fim encontrada’ das relações sociais (...) o que faz com que a sociedade encontre sempre mais”* (1981, p. 137).

Desta forma, a Escola como instituição do Estado passa a ser muito mais o resultado das práticas pedagógicas exercidas por seus profissionais que, também, exercem um papel de contestação ao ideário proposto na sua origem.

Considerar a instituição de ensino sobre este ponto de vista valoriza e amplia as possibilidades de trabalho, numa perspectiva comprometida com a formação de um cidadão autônomo, crítico e participante da vida social.

Junto com estas reflexões quero pensar, também sobre as relações teoria-prática, no sentido que Foucault coloca, quando discute os intelectuais e o poder e analisa esta questão sob a perspectiva de que a prática é um conjunto de revezamentos de teorias e estas, um revezamento das práticas. Deleuze, num diálogo com Foucault (1982, p.70), em *Microfísica do Poder*, utiliza um exemplo simples que tenta explicar esta idéia, quando diz que *Nenhuma teoria pode se desenvolver sem encontrar uma espécie de muro e é preciso a prática para atravessar o muro.*

Para Michel Foucault, o intelectual já percebeu que não precisa falar em nome de alguém, porque sabe que as pessoas só se representam bem por si mesmas. Mas esta fala não é aceita, ao contrário, são discursos e saberes invalidados, por um poder que se encontra disseminado pela sociedade, muitas vezes pelos próprios intelectuais.

*“Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder. A idéia de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema”* (Foucault, 1982, p.71).

Estas considerações são levantadas pois considero os professores intelectuais, produtores de conhecimento e que assumem o papel de estimuladores, orientadores, promotores da autonomia entre os educandos. Não se colocam nem um pouco à frente, nem um pouco de lado,

*“se colocam é na luta, contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da verdade, da consciência, do discurso”* (Foucault, 1982, p.71).

Para Castoriadis, o intelectual deve se pensar como cidadão como os outros, que seu papel é tentar se fazer entender por sua opinião e não através de alguma verdade, uma ciência. Pensar, então, na possibilidade de atuar na criação de instituições que facilitem o acesso à construção da autonomia individual e conseqüente participação na sociedade, encarando a escola como este espaço possível, torna o trabalho na escola um projeto mais esperançoso.

### 3. A educação instituinte como possibilidade emancipadora.

Há séculos, autores que trabalham com Educação apontam para a necessidade de compreender a formação da cidadania como um processo lento e permanente “de maturação do indivíduo (...)”, com a necessária paciência para a “formação de si” (Nietzsche). Ao mesmo tempo, delatam uma grotesca realidade no sistema educacional tanto no nível do ideário do estabelecimento de ensino, quanto no do ideário da maioria dos professores que, harmonicamente, se enquadraram nele.

Pensadores e educadores que se fizeram, e fazem, presentes na história, através de sua resistência em aceitar a normalidade instituída como a única possibilidade de compreensão da realidade em que viviam, levam-nos a refletir como é difícil e lento o caminho a ser construído, no sentido de buscar a autonomia do pensar e do saber estimular o livre pensar daqueles que passam pelas salas de aula. Nas palavras de Nietzsche:

*“Essa geração deverá educar-se a si mesma e contra si mesma – isto é, terá de formar novos hábitos e uma nova natureza, desfazer-se de sua primeira natureza, abandonar seus primeiros hábitos, de tal modo que diga: Que Deus me defenda de mim, da natureza que me foi inculcada”* (apud: Dias, 1991, p. 66).

Ou, ainda, em outra passagem, quando diz que :

*“(...) para desprender-se e defender-se das virtudes do rebanho é necessário que os homens engulam a seguinte verdade, como um remédio amargo: a primeira virtude do homem é ousar ser ele mesmo. É preciso triunfar sobre si mesmo, isto é, sobre a natureza que lhe foi inculcada e o tornou inepto para a vida”* (p. 67).

Para Nietzsche,

*“não há espetáculo mais hediondo do que ver um homem que se despojou do seu gênio, do seu ser criador e inventivo. Falta-lhe medula. Só tem fachada. Assemelha-se a um fantasma de opinião pública” (p.67).*

Em Educação, revolucionar é possibilitar o exercício de deixar entrar o novo, sem ter que assumir a criatividade como mercadoria de consumo; exercitar, conhecer e ampliar os horizontes a serem trabalhados; saber ouvir para poder trocar informações, não em cima de dados acabados mas a partir da própria reflexão que leva a novos conhecimentos. O trabalho em sala de aula deve considerar o aluno como sujeito que tem opinião, referência, experiência, nunca como objeto ou receptáculo de informação. Neste sentido o conhecimento só pode ter caráter dialógico. Conhecimento dialógico é acontecimento, é encontro. O educador só pode estimular a vontade de aprender quando tem esta compreensão e prática para si.

Kramer considera Educação como prática social, não como ciência. A Educação envolve múltiplas dimensões: econômica, política, cultural, estética, ética. Para esta autora

*“A neutralidade, a racionalidade científica, a “verdade” da “Ciência” são miragens e, como tal, hipnotizam e nebulizam o olhar crítico que voltamos ao real; cristalizam e emudecem o nosso falar esse real. Penso que é preciso desembaçar esse olhar, descristalizar ou despertar o nosso falar, tentando enxergar o real e expressá-lo, nas suas contradições, na sua ambigüidade, na sua descontinuidade, rompendo com a postura de velar métodos e técnicas como quem vela os mortos”(1993, p.25).*

#### **4. Um método de trabalho**

Mais do que uma teoria, a construção do conhecimento e da autonomia deve se constituir em um método de trabalho. Muitos autores contribuem para a discussão de como o conhecimento se forma, exigindo que a sala de aula se transforme em palco de discussão das experiências, vivências, imaginário, fazendo interagir com a vida do educando através de trocas de informações e gerando tomadas de decisões. E mais que isso, trazer a *Rua* para dentro da sala de aula e ir à campo observar, entrevistar, analisar enfim, olhar seu lugar de forma crítica.

Estimular autonomia e construção do conhecimento implica em uma postura de professor como pesquisador. Postura inerente a profissão.<sup>2</sup>

Segundo Collares,

*“...somente a partir da seleção de contextos complexos que oportunizem o desenvolvimento de habilidades, de valores, de autonomia (...) e da organização e seleção de estratégias que promovam o confronto de idéias, de diferentes pontos de vista, é que se estará aproximando a teoria construtivista da prática efetiva” (apud Castrogiovanni, 1992, p. 6).*

---

<sup>2</sup> Na prática, no entanto, o “status” de intelectual é conferido apenas aos professores universitários. É preciso superar esta hierarquia na educação e buscar as condições para esta compreensão do que é ser educador.

Com certa frequência, na tentativa de estimular um trabalho com este espírito, muitas confusões e contradições se manifestam. O que, num certo sentido, é bastante interessante, pois não existe um só caminho para se atingir a autonomia e construir conhecimento, em sala de aula. É preciso estar atento aos princípios de uma educação emancipatória, que, ao dar instrumentos para conhecer e refletir o mundo possibilite sua transformação.

A complexa relação entre estimular o desenvolvimento dos educandos para ampliar sua capacidade de ação e reflexão sobre o mundo em que vivem para, ao mesmo tempo, preservá-lo e promover as transformações necessárias para atingir uma sociedade mais justa, é um esforço cotidiano do educador. Exercício possível para o profissional inserido de corpo e alma na vida profissional e social, consciente do seu papel na sociedade. Compreendendo a organização do espaço como processo histórico fruto das relações objetivas de um contexto histórico, o educador está apto para compreender, analisar e orientar os trabalhos em sala de aula.

Nesta perspectiva, a emancipação humana aparece nestas reflexões como o objetivo dos que lutam contra uma sociedade marcada pela alienação e a intolerância. A educação transgressora pode, na perspectiva instituinte, inverter sua função reprodutora e promover, num esforço mais coletivo, o desvendamento de como se produz e reproduz a sociedade capitalista. Para Mészáros,

*a educação significa o processo de interiorização das condições de legitimidade do sistema que explora o trabalho como mercadoria, para induzi-los à sua aceitação passiva. Para ser outra coisa, para produzir insubordinação, rebeldia, precisa redescobrir suas relações com trabalho e com o mundo do trabalho, com o qual compartilha, entre tantas coisas, a alienação.* (2005, p. 17).

Para E. Sader,

*A diferença entre explicar e entender pode dar conta da diferença entre acumulação de conhecimentos e compreensão do mundo. Explicar é reproduzir o discurso midiático, entender é desalienar-se, é decifrar, antes de tudo, o mistério da mercadoria, é ir pra além do capital (apud Mészáros, 2005, p.18)*

## 5. Da normalidade cotidiana ao olhar revelador

*“Não tem nome nem lugar. Repito a razão pela qual quis descrevê-la: das inúmeras cidades imagináveis, devem-se excluir aquelas em que os elementos se juntam sem um fio condutor; sem um código interno, uma perspectiva, um discurso. É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa” As cidades invisíveis, Ítalo Calvino.*

*“A cidade não pára, a cidade só cresce: o de cima sobe e o de baixo desce” (A cidade, música de Chico Science, Grupo Nação Zumbi)*

A geografia nos possibilita um amplo campo de atividades e considerando que cada parte é uma totalidade, mas que a soma das partes não constitui um todo (M. Santos), podemos ter na cidade um espaço pedagógico privilegiado. Considerando as reflexões que desenvolvi anteriormente, os princípios que norteiam as atividades e práticas educativas, destaquei um dos trabalhos desenvolvidos ao longo dos anos, no ensino médio de uma escola pública, em Florianópolis, SC. A cidade, por si mesma, já apresenta características típicas de avanços significativos da especulação imobiliária, tem sido administrada, planejada e divulgada para pessoas de alto poder aquisitivo, os escândalos ambientais (moeda verde, por exemplo)<sup>3</sup>, favorecendo construção de Shopping Centers sobre mangues, assoreamento de rios, construções em áreas de preservação, ocupação privada de áreas públicas, enfim, nada muito diferente do que acontece no país ou mesmo em outros países da América Latina, mas que nas últimas décadas toma de assalto a pequena Ilha da magia, como é chamada amorosamente por seus habitantes e visitantes. A divulgação dos índices de qualidade de vida, bem estar com a natureza, beleza natural, tranquilidade, em revistas de circulação nacional, bem como a divulgação entre os Alfa Villes, dos loteamentos na Ilha foram transformando este território. Uma série de conseqüências já aparece neste modelo urbano a base de consumo e asfalto. Enchentes, desmoronamentos, falta d'água, apagão, transporte urbano, e valores imobiliários fora dos padrões do mercado nacional, índices de violência proporcionalmente altos em relação às grandes metrópoles, enfim. A cidade está mudando rapidamente e ,no ritmo de cidade grande, sem a infraestrutura necessária para acompanhar seu crescimento urbano. Mas ao mesmo tempo, no cotidiano, no ritmo de vida e aceleração das coisas, a desigualdade, o avanço imobiliário sobre a natureza, a opção ou modelo de equipamentos urbanos, o aumento do número de moradores de ruas, desempregados, subempregados, tornam-se parte da paisagem: uma normalidade instituída.

A idéia do trabalho desenvolvido no ensino médio é tornar visível temas que os grupos elegem como importantes e de interesse para se observar / pesquisar mais profundamente a sua cidade. Desta forma, trazem pra sala de aula os temas, que são elencados no quadro e escolhidos por grupos de interesse. Em seguida os grupos buscam informações sobre seu tema(desigualdades sociais, infraestrutura urbana, transporte urbano, emprego/subemprego e desemprego, trabalho infantil, crianças na rua, espaços públicos de lazer, moradia...), na bibliografia específica. Os temas variam de acordo com as turmas e os interesses dos estudantes, mas perpassam o conteúdo da geografia urbana. Feito o levantamento bibliográfico e sua discussão, os grupos apresentam suas primeiras considerações (oral e escrita). Discutimos e selecionamos qual o enfoque que o grupo pretende dar ao tema (considerando que todos os temas são muito abrangentes é necessário fazer um recorte). Feito isso, já estão observando a cidade com outros olhos: olhos curiosos, observadores,

---

<sup>3</sup> A operação Moeda Verde investiga crimes de ordem tributária, formação de quadrilha, corrupção, falsificação de documento, uso de documento falso e tráfico de influência. Efetuou prisões temporárias contra políticos, empresários e funcionários públicos que são acusados de negociar licenças ambientais (mudar uma lei ambiental permitindo a construção de um empreendimento em lugar que até então era Área de Preservação Permanente (APP).

questionadores, olhos que enxergam o que vêem e não mais um cotidiano embaçado ou desinteressado. Vão selecionando uma área de estudo e visitam órgãos públicos ligados à sua temática. Começam a perceber as contradições nas informações, ou a falta de informação ou mesmo a informação incorreta. Comparam ( e argumentam com os responsáveis) os dados que estão recebendo, com as observações e entrevistas que fazem concomitantemente, nas áreas de estudo e com a população envolvida na temática.

A breve descrição de um trabalho que se desenvolve ao longo do ano, por etapas aprofundadas bimestralmente, paralelo às atividades mas presente nas discussões dos conteúdos de todas as aulas, não revela o processo de sensibilização dos jovens estudantes. Em contato com sua cidade, observando e entrevistando pessoas envolvidas no tema de sua escolha, passam a revelar suas “descobertas” e experiências . E mais que isso, que por si só já é um encanto profissional, percebem como os temas trabalhados por outros grupos se entrelaçam, numa complexa rede de informações que se justapõe num sistema articulado, planejado ou não, mas que resulta em semelhantes conseqüências em diversas partes do país ou do mundo. Percebem que espaços em que circulam não são os mesmos que jovens da mesma idade “podem” circular. Ou, numa situação em que se colocam como questionadores, vou dar o exemplo da instalação de um Shopping Center em cima de um mangue: passam a ser *personas non gratas*, num ambiente que normalmente são freqüentadores. Seguidos por seguranças, impedidos de fazerem entrevistas, de circularem com pranchetas e tirarem fotografias, por exemplo. Percebem que jovens de classe social pobre sofrem o mesmo tratamento quando circulam por “território de classe média ou alta”.

Ao socializarem seus trabalhos, nas apresentações em sala de aula, começam a ver revelada a cidade que não enxergavam: territórios segregados, espaços de exceção, áreas de lazer públicas praticamente inexistentes enquanto as áreas privadas, excludentes. Como os órgãos públicos e os homens públicos tratam a questão pública e fundamentalmente passam a tomar consciência de que conhecer e se interessar mais profundamente pelas coisas pode mudar significativamente a relação das pessoas entre si e com sua cidade. Conhecer e circular com espírito observador, curioso, enxergando ao seu redor, percebendo seus movimentos e relações, possibilita uma experiência rica e comprometida com as questões do seu lugar. E as relações do seu lugar com outros espaços.

Poderia aqui retomar a questão a emancipação humana, mas talvez tenha refletido esta questão nas partes anteriores deste texto. A idéia que gostaria de deixar é que a atividade em sala passa por uma reflexão profunda do que se faz, para que se faz e para quem se faz, com objetivos de estimular a busca de instrumentos que possibilitem contribuir para que o caos, a desigualdade, a fome, a miséria humana, os desastres ambientais, a ocupação desordenada do território, a exarcebada concentração de renda, não seja encarada como mais uma normalidade da vida cotidiana, mas uma realidade produzida historicamente pelos homens. E por ser uma construção humana poderá ser, então, transformada por nós.

## 6. Referências

Castrogiovanni, Antônio Carlos (1992): A teoria construtivista: o construir a Geografia. en Boletim Gaúcho de Geografia, n.º 19, AGB, Porto Alegre.

Castoriadis, Cornélius (1981): Reflexões sobre o desenvolvimento e a racionalidade, en Volker, Paulo - Belo Horizonte, COPEC.

\_\_\_\_\_ (1987): As encruzilhadas do Labirinto I. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

\_\_\_\_\_ (1987): As encruzilhadas do Labirinto II. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

\_\_\_\_\_ (1992<sup>a</sup>). As encruzilhadas do Labirinto III. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Deleuze, Giles. Foucault (1982): Lisboa, Veja, Coleção Perfis.

Dias, Rosa Maria (1991): Nietzsche educador. São Paulo: Scipione.

Foucault, Michel (1982): Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal.

Kramer, Sônia (1993): Por entre as pedras: arma e sonho na escola. São Paulo: Ática.

Mèzsaros, Istevan (2005): A educação para além do capital. São Paulo: Boitempo.

Silva, Carmen A. Hermes (1989):. Análise da prática docente: um estudo da dinâmica de modernização pedagógica. Florianópolis: dissertação de Mestrado, PPGed UFSC.

Vlach, Vania(1988): A propósito do ensino de Geografia: em questão o nacionalismo patriótico. São Paulo: dissertação de Mestrado, *PPGEO USP*.